

SUICÍDIO NO CONTEXTO JUVENIL: UM ESTUDO A PARTIR DA ABORDAGEM CENTRADA NA PESSOA

CANDELARIA, Luiza¹

FARIAS, Jocimara¹

GOMES, Fabíola¹

SANTOS, Luana¹

SILVA, Vânia¹

FITARONI, Juliana²

RESUMO

Este trabalho procura problematizar a temática suicídio na adolescência a partir da Abordagem Centrada na Pessoa de forma a contribuir para o contexto da psicologia, bem como para a atuação do psicólogo no âmbito dessas questões. Espera-se que com o olhar da ACP para o fenômeno possa-se compreender o que leva pessoas jovens a perderem o sentido pela vida. Neste artigo foi inserida como proposta metodológica a pesquisa qualitativa, bibliográfica e documental para ter maior compreensão sobre o suicídio na adolescência. O suicídio é um assunto que vem assustando o mundo todo devido ao seu aumento principalmente na fase da adolescência, pois segundo Botega (2015) é possível evidenciar ideações suicidas nesta fase com maior frequência. A partir da busca levantada, os resultados apontam escassez de estudos sobre o suicídio na fase da adolescência havendo assim, uma extrema necessidade de maiores contribuições da psicologia sobre este fenômeno.

PALAVRAS-CHAVE: Suicídio; Adolescência; Psicologia Humanista; Abordagem Centrada na Pessoa.

ABSTRACT

This work seeks to problematize the issue of suicide in adolescence from the Person - Centered Approach (PCA) perspective in order to contribute to the context of psychology, as well as to the psychologist's performance in these issues. It is hoped that with PCA's look at the phenomenon one can understand what causes young people to lose their sense of life. In this article, a qualitative, bibliographical and documentary research was inserted as a methodological proposal to have a greater understanding about suicide in adolescence. Suicide is a subject that has been frightening the whole world due to its increase mainly in the phase of adolescence, because according to Botega (2015) it is possible to evidence suicidal ideations in this phase with more frequency. Based on the search, the results point to a shortage of studies about suicide in the adolescence phase, and there is an extreme need for greater contributions from psychology on this phenomenon.

KEY WORDS: Suicide; Adolescence; Humanistic Psychology; Person-Centered Approach.

INTRODUÇÃO

Este trabalho procura problematizar a temática Suicídio a partir da Abordagem Centrada na Pessoa (ACP) de forma a contribuir para a compreensão do fenômeno suicídio no contexto atual no que se refere à adolescência, bem como para a atuação do psicólogo diante dessas questões. O estudo se mostra importante por ser o suicídio uma temática que tem impactado a sociedade, e por ainda haver uma escassez nas pesquisas sobre o tema, principalmente na área da psicologia, conforme literaturas estudadas. Há uma grande preocupação na área da saúde, devido ao aumento do número de pessoas que cometem suicídio, principalmente na adolescência e juventude (OMS, 2014). Então é primordial que haja mais pesquisas sobre o assunto para alertar a sociedade que ainda leva o tema como um tabu. Assim coloca-se a importância de ampliar o conhecimento na área da psicologia sobre o tema, identificando o que a Abordagem Centrada na Pessoa compreende a respeito, contribuindo assim com a sociedade.

Neste artigo foi inserida como proposta metodológica a pesquisa qualitativa, bibliográfica e documental para ter maior compreensão sobre o suicídio na adolescência. O objetivo deste estudo então é problematizar o fenômeno suicídio na fase da adolescência a partir da ACP, identificando as significações sociais sobre o suicídio no contexto juvenil destacando a contribuição que a família e a sociedade podem dar para que adolescentes tenham comportamentos suicidas, além de identificar formas de prevenção para orientação de familiares de pessoas com ideação suicida.

Um levantamento da OMS (2014) constatou que o suicídio supera o HIV em causas de morte entre os mais jovens. O suicídio é um ato violento que o indivíduo volta contra si mesmo, com o objetivo de colocar fim a sua própria vida de maneira consciente e intencional. Com seu aumento atingindo diversas faixas etárias, tornou-se um fenômeno social de grande relevância e complexidade para a saúde pública, pois são vários os fatores determinantes que podem levar ao suicídio como a depressão, doença mental, abuso de álcool e outras drogas, estresse, perda de ente querido, entre outros, portanto, é de extrema importância o aprofundamento de pesquisas sobre o tema (BRAGA E AGLIO, 2013; BOTEGA, 2014). Entretanto, os autores deixam uma ressalva de que, o maior fator de risco para o comportamento suicida são os transtornos mentais, sendo a depressão um dos transtornos mentais mais comumente ligado ao suicídio, que infelizmente muitas vezes não é detectada de imediato, podendo se agravar. Então é primordial que haja mais pesquisas sobre o assunto para alertar a sociedade que ainda leva o tema como um tabu (CFP, 2013; BERTOLOTE, 2012). Assim coloca-se a importância de

ampliar o conhecimento na área da psicologia sobre o tema, identificando o que a Abordagem Centrada na Pessoa explica a respeito.

ADOLESCÊNCIA E SUICÍDIO

A adolescência é a fase final de crescimento, que se estende mais ou menos dos dez aos vinte anos de idade, ou seja, é a saída da infância para entrada na vida adulta. Este período envolve a puberdade, processo que ocorrem alterações hormonais, a maturação dos órgãos genitais, além da maturação física, psicológica e social, portanto, nesta fase o adolescente é acometido por diversas transformações tanto físicas como comportamentais, possibilitando a construção da sua identidade, que muitas vezes pode vir acompanhada de angústias intensas (MOREIRA, 2015).

No período da adolescência também é comum ocorrerem mudanças nas relações interpessoais e no comportamento, e isto irá depender da relação vincular que foi estabelecida desde a infância com a família, o contexto social e econômico que o adolescente está inserido também serve de eixo para tais mudanças, sendo que estas afetam diretamente o seu comportamento e desenvolvimento de identidade (OLIVEIRA, 2007). Schoen-Ferreira, Aznar-Farias e Silves (2003) ressaltam que uma das tarefas mais importantes na adolescência é a construção da identidade pessoal, sendo esta considerada como uma etapa fundamental em que o adolescente se transformará em um adulto produtivo e amadurecido.

Em se tratando do suicídio, na adolescência, este é um assunto que tem sido abordado devido a incidências na adolescência, pois conforme Botega (2015) é possível evidenciar ideações suicidas nesta fase com maior frequência, devido à grande dificuldade que os adolescentes têm de lidar com situações estressantes, por serem quase sempre imediatistas, agirem por impulsividade, não saberem lidar com humilhações, com término de relacionamentos, perda de ente querido, fracasso escolar, isolamento social, por possuírem uma baixa tolerância à frustração, por sofrerem *bullying*, sendo que a desestrutura familiar também pode trazer grandes conflitos para o adolescente, fatores que têm contribuído fortemente no desencadeamento de comportamentos suicidas.

Quando os fatores que contribuem para este tipo de comportamento são intensos e com maior frequência é preciso que os familiares fiquem em sinal de alerta, pois ocorre um maior risco de que ocorra um ato suicida. Em grande parte das vezes é muito difícil para a família saber diferenciar comportamentos normais da adolescência com os comportamentos

relacionados ao risco de suicídio. Conforme Benincasa (2006), o suicídio e a tristeza são fatores de risco na fase da adolescência. A questão do suicídio ainda é vista como tabu e preconceito na sociedade, e isto contribui para que seja difícil acessar aos jovens e as suas famílias.

A depressão e suicídio em adolescentes aparecem bastante no Brasil, sendo que o mapa de violência em 2012 pondera que o suicídio entre a faixa etária exibida de 18 anos não era expressivo. Desta forma, o documento mostra que no cenário internacional, o Brasil está ocupando o sexagésimo lugar e que ainda está em uma posição confortável perante esse fenômeno. O suicídio e a depressão tiveram um grande aumento entre 2000 e 2010, por este motivo é muito importante ter estudos para verificar esses índices, pois em determinadas cidades e estados o número desse tipo de morte é muito preocupante (MELO, SIEBRA E MOREIRA, 2017), investigando também a relação entre esse transtorno e o suicídio de adolescentes.

JOGO DA BALEIA AZUL

Uma questão que cabe ser analisada aqui é o fenômeno do jogo Baleia Azul que teve grande repercussão nas redes sociais no ano de 2017 preocupando a população em geral. De acordo com a BBC Brasil (2017) o jogo da Baleia Azul iniciou-se a partir de 2015 na Rússia, gerando um grande impacto nas redes sociais. Segundo a BBC Brasil (2017), os jogadores são estimulados através da internet pelos próprios administradores e curadores a cumprirem certos desafios durante 50 dias, sendo que o último desafio consiste em tirar a própria vida. Conforme a reportagem realizada pelo G1, no ano de 2017 houve 130 casos supostamente vinculados ao “jogo da baleia azul”, sendo comunidades *online* identificadas como “grupos de morte”. E segundo a reportagem, além do jogo da baleia azul, existem outros jogos nas redes sociais que têm contribuído para o incentivo de riscos letais e que isso virou moda entre os adolescentes. Uma vez que, os mesmos sentem a necessidade de serem aceitos nos grupos e acabam sendo influenciados e induzidos a cometerem tais atos.

Pensando nisso, fica evidente a contribuição da globalização e da modernidade para a ocorrência desse processo de angústia do qual o ser humano adquire e que o leva ao intenso sofrimento, contribuindo assim, para o comportamento suicida. Explicando melhor, Bauman (2000), elucida sobre a questão da globalização negativa, que ocasiona o individualismo e enfraquecimento dos vínculos. O autor sempre aponta a questão do medo, uma vez que segundo ele, o medo é fruto da insegurança e incerteza do presente e futuro que assola nas sociedades, fala sobre o medo que a sociedade em si se depara constantemente. O mesmo também deixa

explícito sobre a modernidade líquida, um dos conceitos desenvolvido por ele, que tem por características, o desapego, acelerado processo de individualização, provisoriedade, tempo de liberdade e insegurança, sendo que ao mesmo tempo que o ser humano tem liberdade ele muitas vezes sente-se inseguro.

Independente do seu poder financeiro, o sujeito que vive nessa contemporaneidade é movido a sentir desejo e necessidade a possuir os bens de consumo como por exemplo, usar roupas que estão na moda, assistir filmes bons, degustar de uma boa comida, e dentre outros. Percebe-se então que os sujeitos necessitam em ter tudo o que é mostrado através da mídia para satisfazê-los e se sentirem felizes, ou seja, devido a essa necessidade de ter. O que vale para essa sociedade moderna é o consumo exacerbado, que tendem a não pensar nos efeitos que essas compulsões geram nos sujeitos e que são estimuladas principalmente pelo mundo moderno, esses consumos fazem com que os sujeitos se tornem cada vez mais individuais, provocando o isolamento afetivo como forma de abrigo (COLOMBO, 2012).

Quando Colombo (2012) discute a questão de que as pessoas são movidas pela modernidade a sentirem necessidade e desejo de possuir bens de consumos bons ou que também podem prejudicar a vida do sujeito, o autor possibilita a reflexão sobre a questão do jogo da Baleia Azul que sofre grandes influências sociais, movimentando os participantes adolescentes a participarem de desafios perigosos, uma vez que os mesmos são estimulados pela própria modernidade atual.

Partindo desta premissa, o autor ainda salienta que é fácil achar no discurso social do adolescente referências assertivas que permitam que o mesmo se identifique e assim, projete para o futuro as influências que a contemporaneidade que habitam nos dias atuais os proporcionam, instituindo assim uma dificuldade para o interesse do mesmo, que procura modelos e figuras ideais para identificar-se, como por exemplo o jogo da Baleia azul, já que eles estão no processo de construção da identidade. O consumismo e as redes sociais fazem com que os sujeitos se tornem cada vez mais individuais provocando o isolamento afetivo como forma de abrigo. Visto que a família que seria esse abrigo e ela neste formato da sociedade atual está longe de corresponder a essa expectativa, abrindo espaço para que ocorra a falta de vinculação do adolescente com seus progenitores, possibilitando a partir disto, conflitos na construção de sua identidade (SOUZA et al, 2008).

BREVE HISTÓRIA DO SUICÍDIO

Bertolote (2012) discorre que o suicídio é um fenômeno antigo que ocorre desde os antigos livros sagrados, como por exemplo, na Bíblia que apresenta várias histórias de casos de suicídio, assim como em outros livros sagrados, porém esse tipo de ato era visto como uma forma heroica, que era praticada por um deus, com o objetivo em muitas vezes de salvar seu povo. Já o suicídio na literatura greco-romana era quase sempre apresentado como um comportamento heroico ou um ato de desespero. No entanto, nesse período não existia a palavra suicídio, era chamado de “morte voluntária”. Só a partir do ano de 1643 que o médico inglês Thomas Browne cunhou o termo “suicídio”, essa palavra foi criada por ele primeiramente em grego (autófonos) e depois que foi traduzida para o inglês em 1645 como *suicide*, abrangendo assim, quase todas as línguas ocidentais.

Historicamente é conhecido que após o suicídio ser considerado crime, devido a influência da igreja nos reinados da época, o suicida além de não receber a benção do sacramento da morte também não podia ser enterrado nos cemitérios da cidade, devendo seu corpo ser enterrado fora dos domínios do chamado “campo santo”, acarretando o sofrimento familiar. Somente após a separação entre os interesses da Coroa e a Igreja é que se tem o suicídio como muitas vezes determinado como “loucura”, pois a partir de então cabia aos médicos definir de acordo com os benefícios que receberiam qual ato foi cometido (CFP, 2013). Com isso passa-se a ser um grande interesse para os médicos estudar sobre o suicídio e analisar sua conexão a certos transtornos mentais.

Para melhor compreensão do fenômeno suicídio serão apresentadas algumas concepções de Durkheim (2011) sobre o tema, uma vez que, o mesmo teve uma enorme contribuição no estudo sociológico sobre o tema, publicado no ano de 1897, tendo como principal objetivo não estudar somente os aspectos individuais, mas focando numa ciência que viabiliza o contexto social. A partir dos seus estudos, o mesmo foi capaz de comprovar que o suicídio está ligado à forças sociais, devido a isto o autor utilizou-se da sociologia para assim, conseguir alcançar as diversidades que a vida em sociedade oferece, pois no que se refere ao estudo do suicídio, o mesmo gira em torno da sociedade e não do indivíduo.

Para entender o suicídio segundo as suas causas o autor apresenta em sua obra três tipos: o *suicídio egoísta*, *suicídio altruísta* e *suicídio anômico*. No que se refere ao *suicídio egoísta* o autor salienta, que seria motivado pela falta de laço afetivo perante a sociedade no qual o indivíduo se isola, já ao contrário, o *suicídio altruísta* está ligado totalmente à sociedade sendo o indivíduo influenciado constantemente ao grupo coletivo. Por fim, no *suicídio anômico* o autor explica que ele se dá devido o individual não aceitar os limites impostos pela sociedade,

ou seja, as suas expectativas têm que ser atingidas e quando barradas pelo social a partir de regras e normas o indivíduo não consegue lidar e se frustra.

No que concerne sobre o estudo sociológico do suicídio, fica evidente como o fator social influencia diretamente no comportamento e nas escolhas do ser humano, uma vez que, isso fica explícito no contexto atual do qual a sociedade está vivenciando em relação aos grupos de morte desenvolvidos a partir das redes sociais. Percebe-se que o suicídio de adolescentes está relacionado ao tipo de suicídio altruísta, que segundo o autor é motivado pela ligação do ser humano com a sociedade, sendo assim, totalmente influenciado por ela (DURKHEIM, 2011).

ABORDAGEM CENTRADA NA PESSOA

A Abordagem Centrada na Pessoa foi desenvolvida pelo psicólogo americano Carl Rogers, cuja teoria diz que todos os seres humanos têm a capacidade de desenvolvimento e essas mudanças acontecem a partir que são dadas as condições necessárias para esse indivíduo. Segundo Rogers (1980), o tema Abordagem Centrada na Pessoa foi fundamental ao decorrer de sua vida profissional, e foi alcançado a partir de suas experiências que vivenciou ao decorrer da sua carreira, através das relações interpessoais e pesquisas. Rogers pontua que para chegar a tal definição ACP, o mesmo fez diversos rótulos a esse tema:

Aconselhamento não-diretivo, terapia centrada no cliente, ensino centrado no aluno, liderança centrada no grupo. Como os campos de aplicação cresceram em número e variedade, o rótulo “abordagem centrada na pessoa” parece ser o mais adequado (ROGERS, 1980, p.4).

Conforme foi dito anteriormente, para chegar nessa definição fixa de Abordagem Centrada na Pessoa o autor empregou vários nomes. Moreira (2010) discorre que foi em 1940 que nasceu a mais recente proposta de psicoterapia de Carl Rogers, ele então a nomeou de aconselhamento não-diretivo ou psicoterapia não-diretiva.

Rogers (1980) salienta em seu livro *Um Jeito de Ser*, que são três condições que precisam estar presentes na psicoterapia para que se crie um ambiente facilitador de desenvolvimento, essas condições que o autor menciona possibilitam uma relação de terapeuta e paciente, permitindo o desenvolvimento da pessoa. O primeiro item é a congruência na qual o terapeuta pode ser ele mesmo, ser verdadeiro na sua relação com o paciente, ou seja, ser congruente possibilitará de que o cliente se sinta livre para ser ele mesmo. O terapeuta poderá expressar os seus sentimentos, naquilo que está vivenciando na relação com seu paciente.

O segundo elemento é consideração positiva incondicional que se refere à capacidade que o terapeuta tem de acreditar na capacidade de desenvolvimento do cliente, permitir que o outro seja o que ele quiser ser, ou seja, respeitar o caminho que o paciente deseja seguir.

O terceiro elemento é a compreensão empática, para o terapeuta irá capturar através das emoções e significações particulares que o seu cliente traz uma compreensão ao cliente, ou seja, o terapeuta tenta uma aproximação daquilo que foi vivenciado pelo o cliente. A empatia quer dizer que a partir do conceito que o cliente traz na terapia o terapeuta tem uma aproximação, daquilo que foi relatado pelo seu paciente (ROGERS, 1980).

O autor aponta que existe um grande número de resultados das pesquisas que expõem que quando essas condições estão presentes na psicoterapia, há um crescente desenvolvimento efetivas na personalidade e também mudanças no comportamento do indivíduo. Outro ponto importante que ele apresenta é a questão da tendência realizadora:

A prática, a teoria e a pesquisa deixam claro que a abordagem centrada no cliente baseia-se na confiança em todos os seres humanos e em todos os organismos. Há provas advindas de outras disciplinas que autorizam uma afirmação ainda mais ampla. Podemos dizer que em cada organismo, não importa em que nível, há um fluxo subjacente de movimento em direção à realização construtiva das possibilidades que lhe são inerentes. Há também nos seres humanos uma tendência natural a um desenvolvimento mais completo e mais complexo. (ROGERS, 1980, p. 47).

Essa tendência realizadora está em todos os organismos, ou seja, a pessoa irá descobrir que o seu organismo é um elemento mais seguro para chegar ao comportamento mais satisfatório. Ressaltando que para que isso aconteça à pessoa tem que congruente, através de suas experiências particulares serem quem realmente é. A psicoterapia busca auxiliar o sujeito a desenvolver as suas experiências interiores (ROGERS, 1980).

Como foi mencionada anteriormente, a Abordagem Centrada na Pessoa, visa compreender o ser humano através de suas experiências, e devido isto, o nosso objetivo é entender as experiências das pessoas que tentam o suicídio, e para que as pessoas alcancem um desenvolvimento, elas precisam ser autênticas ser o que realmente são, expressando as suas próprias experiências particulares.

Percebe-se então, que proporcionar que as pessoas experimentem as suas próprias vivências, faz com que o sujeito se desenvolva cada vez mais. Para discutir melhor sobre as experiências, Fonseca e Lobo (2015) ressaltam que o suicídio ainda não é discutido de forma aberta, e é de extrema importância que os profissionais e a coletividade possam discutir mais livremente sobre o assunto na intenção de abranger como os pacientes e as pessoas vivenciam o momento das ideias, tentativa e suicídio procurando por meio da relação, significações e

autenticidade do sujeito na sua maneira de ser, formas de interferências mais eficazes. Segundo os autores o espaço da escuta tem o objetivo do sujeito falar suas experiências e sentimentos.

METODOLOGIA

Este estudo foi organizado a partir da pesquisa qualitativa, bibliográfica e documental para ter maior compreensão sobre o suicídio na adolescência, utilizando como referência teórica a pesquisa qualitativa (GUNTHER, 2006), a pesquisa bibliográfica (PIZZANI et al., 2012) e a pesquisa documental (GIL, 2008).

Para realização deste estudo foi realizada uma pesquisa sistemática em que, o tema suicídio foi investigado de uma forma geral para levantamento nacional e dos campos que enunciam saberes sobre o mesmo. Para tanto, foram feitos dois momentos de busca no Google acadêmico delimitando um período de busca do ano 2007 a 2017. Primeiro foi realizada uma busca geral do tema suicídio que permitiu os seguintes resultados: um total de 221 artigos, sendo 89 dos artigos relacionados com o tema e 132 foram descartados por não terem em seus conteúdos a temática suicídio.

No segundo momento, foi realizada uma busca específica a partir das palavras-chave: suicídio, psicologia, adolescência e humanismo, que teve como resultado o total de 196 artigos, sendo 37 artigos com o tema suicídio na área da psicologia e 159 artigos que foram descartados, uma vez que estavam falando sobre o tema dentro de outras áreas.

Todos os resumos dos artigos foram lidos sendo que, apenas 16 artigos foram analisados por completo, por terem a temática específica do objetivo da pesquisa, suicídio na adolescência, prevalecendo a faixa etária de 12 a 19 anos.

RESULTADOS

Segue abaixo os resultados com os 16 artigos analisados a partir da temática suicídio e adolescência:

Tabela 1 - Resultado da revisão bibliográfica de publicações de 2007 a 2017, com os descritores *suicídio*, *psicologia*, *adolescência* e *humanismo*.

Autor(es)	Ano	Título	Palavras-chave
AGUIAR, Marília Ávila de Freitas	2011	Tentativas de suicídio por meio de medicamento: as percepções dos adolescentes	Tentativa de suicídio; Adolescentes; Intoxicação exógena; Epidemiologia; Saúde Pública.
ARAÚJO, Luciene a Costa; VIEIRA, Kay Francis Leal;	2010	Ideação suicida na adolescência: um enfoque psicossociológico no contexto do ensino médio	Ideação suicida, Adolescência, Representação social, Ensino médio.

COUTINHO, Maria da Penha de Lima			
BORGES, Vivian Roxo; WERLANG, Blanca Susana Guevara; COPATTI, Mônica	2008	Ideação suicida de adolescentes de 13 a 19 anos	Ideação Suicida; Adolescência; Intensidade de Depressão.
BRAGA, Luiza de Lima; DELL'AGLIO, Débora Dalbosco	2013	Suicídio na adolescência: fatores de risco, depressão e gênero	Suicídio, adolescência, fatores de risco, depressão.
BRAGA, Luiza de Lima	2011	Exposição à violência e comportamento suicida em adolescentes de diferentes contextos	Suicídio, adolescência, fatores de risco, depressão.
CABETE, Ana Lúisa; ESTEVES, Maria Lapa	2009	As tentativas de suicídio na adolescência	Não tem.
FAÇANHA, Jorge Daniel Neto et al.	2010	Prevenção do suicídio em adolescentes: programa de intervenção Believe	Suicídio; adolescentes; prevenção; programa de intervenção.
FERNANDES, Catarina et al.	2012	A relação da vinculação amorosa com a ideação suicida em jovens e adolescentes	Ideação suicida; vinculação amorosa; adolescência.
HILDEBRANDT, Leila Mariza; ZART, Franciele; LEITE, Marinês Tambara	2011	A tentativa de suicídio na percepção de adolescentes: um estudo descritivo	Tentativa de suicídio; Comportamento do Adolescente; Enfermagem.
MOREIRA, Lenice Carrilho de Oliveira, BASTOS, Paulo Roberto Haidamus de Oliveira	2015	Prevalência e fatores associados à ideação suicida na adolescência: revisão de literatura.	Comportamento autodestrutivo; suicídio; adolescentes.
NUNES, Filipa; MOTA, Catarina Pinheiro	2017	Vinculação aos pais, competências sociais e ideação suicida em adolescentes	Vinculação; Competências sociais; Ideação suicida; Adolescência.
PINTO, Ana Monica da Conceição	2011	Percepção do Conflito Interparental, Ideação Suicida e Identificação à família na Adolescência	Conflito Interparental; Ideação Suicida; Identificação à Família; Adolescência
RAMOS, Antonio Manuel Lúcio Junqueiro	2013	Funções Executivas e Ideação Suicida em Adolescentes	Disfunções executivas Ideação suicida e adolescência.
SILVA, Liliane de Lourdes Teixeira; MADEIRA, Anézia Moreira Faria	2014	Tentativas de autoextermínio entre adolescentes e jovens: uma análise compreensiva	Tentativa de suicídio; enfermagem; adolescente; pesquisa qualitativa
SOUZA, Ana De Oliveira e; MACHADO, Constança; BRANCO, Vânia Pereira	2008	Raízes quebradas: o comportamento suicida e a importância de transformar os vínculos afetivos na adolescência	Adolescência, Vinculação, Separação, Autonomia, Comportamento Suicida.
SOUZA, Luciano Dias de Mattos et al.	2010	Ideação suicida na adolescência: prevalência e fatores associados	Ideação suicida, suicídio, adolescência, saúde mental.

Fonte: elaboração própria, com base nos dados coletados.

Na análise destes artigos foi realizada uma busca com foco nos seguintes temas: motivos do suicídio na adolescência, influências que levam essa faixa etária a cometerem este ato, como intervir e o papel do psicólogo.

Sobre a fase da adolescência, a partir da categorização dos artigos foi identificado diversas concepções dos autores, pois cada um tem uma compreensão diferente sobre a faixa etária que transita o período da adolescência. Como, por exemplo, para Cabete e Esteves (2009) esta fase compreende-se dos 12 aos 18 anos. Já para Silva e Madeira (2014), Braga (2011) e Araujo, Vieira e Coutino (2010) esta fase ocorre dos 12 aos 19 anos, enquanto para Souza et al. (2008), Borges, Werlang e Copatti (2008) a faixa etária na adolescência compreende-se dos 15 aos 24 anos. Para a sistematização e categorização da temática delimitamos a faixa etária dos 12 aos 19 anos, por ser a fase que perpassa por maiores crises de identidade e conflitos e estarem mais vulneráveis a comportamentos suicidas conforme Botega (2015) e Braga (2011).

Outro ponto que ficou evidente, com as literaturas analisadas é que houve uma grande escassez de proposta de intervenção referindo-se ao suicídio na adolescência, ou seja, dos 16 artigos analisados somente quatro pontuam formas de intervenção para prevenção do suicídio, dentre esses artigos os autores Braga e Aglio (2013), Moreira e Bastos (2015), Façanha (2010) e Ramos (2013) ressaltam que é de extrema importância a identificação dos fatores de risco e a compreensão das suas funções, pois, assim torna-se fundamental para prevenção do suicídio, uma vez, que é preciso considerar também a respeito dos fatores de proteção ao suicídio na adolescência, para então, construir estratégias de prevenção e para que se possa ter a diminuição dos efeitos dos fatores de risco.

Sobre os motivos e as influências que levam adolescentes a cometerem suicídio, os autores vêm apresentando as mesmas ideias, sendo a questão do conflito de identidade e conflitos relacionais nesta fase. Pois, segundo os estudos analisados este é um período em que o adolescente passa por diversas modificações, tanto biológicas, como psicológicas e sociais. E dependendo da maneira que foi estabelecida a relação e vinculação familiar desde a infância, poderá ser um motivo de grande propensão para que estes conflitos aconteçam com mais severidade e leve o adolescente a comportamentos suicidas, uma vez que esta fase é acometida pelo imediatismo e impulsividade, possibilitando assim, este tipo de movimento (NUNES E MOTA, 2017; MOREIRA E BASTOS, 2015; SILVA E MADEIRA, 2014; PEREIRA, 2011; PINTO, 2011; BRAGA, 2011; ARAUJO, VIEIRA E COUTINO, 2010; AGUIAR, 2011;

CABETE E ESTEVES, 2009; SOUZA, et al. 2008; BORGES; WERLANG E COPATTI, 2008).

No que se refere o papel do psicólogo, houve uma grande carência nas literaturas analisadas, sendo que de todos os artigos analisados apenas um, pontua a importância do psicólogo para a prevenção do suicídio. Os autores Fernandes et al. (2012) explicam como forma de proposta de estratégica, o psicólogo pode proporcionar um espaço de escuta para os adolescentes expressar o seu sofrimento e o que sente em relação ao suicídio, propondo uma escuta que possibilitará ao psicólogo a análise das crenças envolvidas, o contexto histórico, investigar os pais, professores, ou seja, como é este adolescente no ambiente escolar, promovendo então um espaço de reflexões acerca de outras possibilidades de enfrentamentos das situações e assim reforçar a autonomia e a autoestima do mesmo, respeitando seu limite, capacidade e desejos. Com o levantamento realizado chegou-se à conclusão de que há poucos estudos sobre o tema suicídio com este foco e principalmente no que se refere a área da psicologia.

DISCUSSÃO

Autores como Cabete e Esteves (2009), Sousa et al. (2008), Borges, Werlang e Copatti (2008) vêm elucidando a fase da adolescência como um período de transição e conflitos, em que o adolescente passa por uma reorganização psíquica e a saída da dependência para a autonomia, e estas mudanças podem acarretar nesta fase conflitos internos que levam adolescentes a comportamentos relacionados ao suicídio.

Segundo Rogers e Kinget (1977), este tipo de comportamento nesta fase da vida está ligado com a formação da personalidade, pois a personalidade é mutável, ou seja, o sujeito não nasce com ela pronta, mas sim se desenvolve a partir do meio e das relações, e diante deste processo de formação que o sujeito se depara com o conflito do eu e a necessidade de consideração positiva.

Portanto, está relacionado como se deu o desenvolvimento da noção de eu para assim formar a personalidade, uma vez que o sujeito irá formá-la a partir da interação do meio em que está inserido e tendo como base a pessoa-critério. No que se refere a consideração positiva esta irá depender da pessoa-critério, a pessoa com mais vinculação com a criança, que validará as experiências do indivíduo, podendo assim, serem percebidas de forma seletiva e deformadas, contribuindo, para a formação da personalidade.

Partindo deste viés, a família tem um papel fundamental na formação da personalidade, uma vez que, dependendo da maneira de como foi estabelecida a relação vincular com a pessoa-critério desde a infância, isto terá enorme influência nos conflitos existentes na adolescência, pois a família que deveria ser um fator de proteção para o adolescente, pode muitas vezes ser um fator de risco. Explicitando sobre o motivo pelo qual a família pode ser um fator de risco, Rogers e Kinget (1977) salientam que todo ser humano possui uma tendência a atualização, ou seja, tem a capacidade de se desenvolver e lidar com as coisas, então cabe ao adulto que ela tem como pessoa-critério, ajudá-la, independentemente de serem os pais, uma vez que a criança pode ter qualquer outra pessoa como pessoa de referência para ela, podendo assim, ser aquela que geralmente mais convive com ela.

Diante do que foi mencionado acima sobre a influência do papel da família, tanto como fator positivo e negativo para a vida do adolescente, Rogers (1986) discute sobre as diferenças entre a família tradicional e a moderna. Na família tradicional o autor salienta que somente o pai tinha o poder de autoridade dentro do lar, já na família moderna que está sendo vivenciada atualmente, a autoridade é partilhada entre os pais, pois ambos têm a mesma autoridade sobre os filhos, possibilitando assim, discordância na maioria das vezes, fomentando nos filhos a permanência da rivalidade entre os pais para obtenção de vantagens.

Diante deste fato, os pais estão perdendo a autoridade sobre a família, e a partir disto os filhos não estão conseguindo lidar com os limites impostos pelos pais que acabam cedendo aos desejos dos seus filhos, tornando-os intolerantes às frustrações da vida.

Pensando sobre a questão das relações sociais, correlacionando com o fenômeno da Baleia Azul e a Abordagem Centrada na Pessoa, para melhor explanação sobre o fenômeno. Pode-se dizer que segundo Fonseca e Lobo (2015), a tentativa de suicídio estaria relacionada com que Rogers definiu como estruturação do *self*, ou seja, um conflito vivenciado pelo próprio indivíduo com sua experiência global. Os autores pontuam que para a criança ter o afeto do outro, a afeição, o carinho, ou seja, para manter esta consideração ele introjeta o de fora para si mesmo, no qual este processo de *self* seria desenvolvido a partir da própria pessoa-critério, fazendo com que o sujeito não vivencie suas próprias experiências, mas sim as do outro. A estruturação do *self* se dá quando o indivíduo é o que as pessoas querem que ele seja (ROGERS E WOOD, 1978 *apud* FONSECA E LOBO, 2015).

Correlacionando com os três tipos de suicídios de Durkheim (2011) é perceptível notar que as transformações que a sociedade moderna provoca nos dias atuais influência diretamente para o comportamento do sujeito, trazendo assim, grandes consequências. Tanto o suicídio

egoísta, como o suicídio altruísta e o anômico são movidos pelos efeitos que a contemporaneidade produz. Percebe-se então que a mídia é um fator muito forte que influencia os sujeitos a agirem de certa forma, e essa influência é estimulada pela própria sociedade moderna. Os três tipos de suicídios são consequências da evolução da contemporaneidade e isto influencia para a formação da personalidade do sujeito.

Em se tratando sobre o papel do psicólogo na abordagem ACP e correlacionando com a questão do adolescente acometido por comportamento suicida, Rogers e Kinget (1977), salientam que o papel primordial do terapeuta é fazer com que o sujeito tenha acesso às suas potencialidades, ou seja, que o mesmo tenha consciência de sua capacidade de se desenvolver, possibilitando assim, uma personalidade saudável, que leva o sujeito a confiar em sua própria experiência e aceitar o fato de que as outras pessoas são diferentes, já que esta fase é vulnerável às influências da sociedade e modernidade como demonstrado por Bauman (2007) e Durkheim (2011).

Partindo desta premissa, o processo terapêutico poderá fazer com que o sujeito se perceba e quanto mais ele se perceber, mais consciente ele se tornará de si mesmo, conseguindo lidar com que ele é e usará menos a referência do outro (ROGERS E KINGET, 1977). Para que a relação terapêutica aconteça, os autores ressaltam sobre a importância do terapeuta compreender a pessoa como um todo de maneira holística, sendo congruente e que tenha consideração positiva incondicional com as escolhas que o cliente traz na psicoterapia, e além disso é de extrema importância que o terapeuta esteja atento aos fatores de risco que podem contribuir para que o adolescente tenha comportamentos suicidas.

Outro ponto relevante que deve ser considerado na psicoterapia com criança e adolescente é a importância de se trabalhar com a família, uma vez que, Rogers e Kinget (1977) explicam que cada vez mais os pais exercem um sentimento de consideração positiva incondicional para com seu filho, possibilitando assim menos chance da criança apresentar uma avaliação de sua experiência a critérios externos, ou seja, menor será a avaliação condicional que a criança terá de si mesmo, sendo que a avaliação de sua própria experiência será pautada por um processo de avaliação orgânica que possibilitará um melhor funcionamento da sua personalidade. Para os pais experimentarem a consideração positiva incondicional em relação ao seu filho é necessário que os mesmos experimentem uma consideração positiva incondicional perante a si mesmo, pois, assim os sentimentos dos pais em relação ao filho serão experimentados e também expressados de maneira autêntica, seja através de um sentimento

positivo ou negativo fomentando assim, aos pais uma melhor compreensão da questão interna de seu filho de forma mais verdadeira e empática (ROGERS E KINGET, 1977).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Com o levantamento realizado chegou-se à conclusão de que há poucos estudos sobre o tema suicídio no que concerne a adolescência, principalmente na área da psicologia. De acordo com o que foi apresentado, fica evidente como o suicídio é um fenômeno que está presente em todas as faixas etárias dos seres humanos e se torna um fator muito preocupante, pois crianças e adolescentes estão tendo comportamentos suicidas. As pesquisas vêm mostrando esses dados para termos um olhar atento a essa fase que ainda está em desenvolvimento e que são necessários mais estudos voltados para esse fenômeno. Sendo que os maiores índices estão ocorrendo na fase juvenil e tornou-se um estado de alerta para a saúde pública.

A partir destas explicações teóricas, pode-se dizer que a adolescência está mais vulnerável às influências da contemporaneidade, uma vez que os adolescentes estão em um período de estruturação de formação da personalidade, portanto ficam mais vulneráveis as influências dos grupos, dos outros, ou seja, do externo não vivenciando as suas próprias experiências, estando submetidos a fazerem o que os outros querem que eles façam. Partindo disto, o estudo contribui para apresentar a sociedade o porquê a fase da adolescência está tão vulnerável nos dias atuais, pois segundo os artigos analisados, os adolescentes estão com uma baixa tolerância à frustração e muito imediatistas no século atual, diante deste fato foi de extrema importância elucidar a partir da visão da ACP, o que contribui para que tantos adolescentes sejam acometidos por comportamentos suicidas e a participarem dos chamados *jogos mortais*. Portanto, fica explícito a partir de todo levantamento bibliográfico sobre a temática, de que este tipo de comportamento está ligado a ao conflito do eu, ou seja, de como a personalidade do indivíduo foi se constituindo e o seu aumento está relacionado com a modernidade.

Pelo fato da adolescência estar mais vulnerável, as relações precisam ser pensadas e estar presentes na vida do adolescente. Sendo estas de confiança, para que o mesmo consiga crescer e se desenvolver sem sofrer influências que são características da fase da adolescência. Portanto, o papel do psicólogo seria possibilitar ao adolescente a construção da noção de si e da sua personalidade de uma forma menos dolorosa e desorganizada, mais centrada nele, no que ele é e no que ele quer fazer da vida dele, tendo ele mesmo como referência e não os outros.

Ou seja, não só a família e o ambiente e sim se tendo como referência considerando o contexto onde ele está inserido, para que ele não seja vulnerável, e sim ativo diante do seu processo de construção de uma identidade.

REFERÊNCIAS

AGUIAR, M. A. F. **Tentativas de suicídio por meio de medicamento: as percepções dos adolescentes**. Tese (Doutorado Medicina) Faculdade de Medicina da Universidade Federal de Minas Gerais. Minas Gerais, pp. 139. 2011. Disponível em <<http://hdl.handle.net/1843/BUOS-8N2J49>>. Acesso em 17 jun. 2018.

ARAÚJO, L. C.; VIEIRA, K. F. L.; COUTINHO, M. P. L. Ideação suicida na adolescência: um enfoque psicossociológico no contexto do ensino médio. **Psico-USF**, 2010, 15. Disponível em <<http://www.redalyc.org/articulo.oa?id=401036078006>>. Acesso em 17 jun. 2018.

BAUMAN, Z. **Modernidade Líquida**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editora, 2000.

BENINCASA, M.; REZENDE, M. M. Tristeza e suicídio entre adolescentes: fatores de risco e proteção. **Bol. psicol**, São Paulo, v. 56, n. 124, p. 93-110, jun. 2006. Disponível em <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0006-59432006000100007&lng=pt&nrm=iso>. Acesso em 17 jun. 2018.

BERTOLETE, J. M. **O Suicídio e sua prevenção**. São Paulo: Editora UNESP. 2012.

BORGES, V. R.; WERLANG, B. S. G.; COPATTI, M. Ideação suicida de adolescentes de 13 a 19 anos. **Barbarói**. Santa Cruz do Sul, n. 28, jan./jun. 2008.

BOTEGA, N. J. **Crise Suicida: avaliação e manejo**. Porto Alegre: Artmed, 2015.

BRAGA, L. L.; DELL'AGLIO, D. D. Suicídio na adolescência: fatores de risco, depressão e gênero. **Contextos Clínic**, São Leopoldo, v. 6, n. 1, p. 2-14, jun. 2013. Disponível em <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1983-34822013000100002&lng=pt&nrm=iso>. acessos em 17 jun. 2018.

BRAGA, L. L. **Exposição à violência e comportamento suicida em adolescentes de diferentes contextos**. Dissertação (Mestrado) Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Instituto de Psicologia. Curso de Pós-Graduação em Psicologia. Rio Grande do Sul, pp. 90. 2011. <http://hdl.handle.net/10183/49283>.

CABETE, A. L.; ESTEVES, M. L. As tentativas de suicídio na adolescência. **INFAD Revista de Psicologia**. pp. 263-270 n. 1, v. 1. 2009. Disponível em: <<http://www.redalyc.org/pdf/3498/349832320028.pdf>>. Acesso em: 25 out. 2018

CONSELHO FEDERAL DE PSICOLOGIA. **Cartilha de avaliação psicológica**. Brasília (DF). 2013. Disponível em: <http://www.crp.org.br/arquivos/conteudo_pendrive/Cartilha-Avaliacao-Psicologica.pdf>. Acesso em: 25 out. 2018.

COLOMBO, Maristela. Modernidade: a construção do sujeito contemporâneo e a sociedade de consumo. **Rev. bras. psicodrama**, São Paulo, v. 20, n. 1, p. 25-39, jun. 2012. Disponível em <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-53932012000100004&lng=pt&nrm=iso>. acessos em 17 jun. 2018.

CORPORAÇÃO BRITÂNICA DE RADIOFUSÃO – BBC Brasil. **Jogo da Baleia Azul: Até que ponto devemos nos preocupar?** 2017. Disponível em: <<http://r7.com/em9e>>. Acesso em 19 jun. 2018.

DURKHEIM, É. **O suicídio: estudo de sociologia** (M. Stahel, trad.). 2011.

FAÇANHA, J. D. N. et al. PREVENÇÃO DO SUICÍDIO EM ADOLESCENTES: PROGRAMA DE INTERVENÇÃO BELIEVE. SMAD, **Revista Eletronica em Salud Mental, Alcohol y Drogas**, 2010, 6, Disponível em: <<http://www.redalyc.org/articulo.oa?id=80313414002>> ISSN 1806-6976. Acesso em 10 jun. 2018.

FERNANDES, C. et al. A relação da vinculação amorosa com a ideação suicida em jovens e adolescentes. In: L. Mata, F. Peixoto, J. Morgado, J. C. Silva & V. Monteiro (Eds.), **Actas do 12.º Colóquio Internacional de Psicologia e Educação: Educação, aprendizagem e desenvolvimento: Olhares contemporâneos através da investigação e da prática** (pp.134-144). Lisboa: ISPA - Instituto Universitário. 2012. Disponível em: <<http://hdl.handle.net/10400.12/5374>> ISSN 1806-6976. Acesso em 10 jun. 2018.

FONSECA, E. F. M.; LOBO, W. L. Tentativa de suicídio: reflexões em base a clínica centrada na pessoa. **Rev. NUFEN**, Belém, v. 7, n. 2, p. 152-165, dez. 2015. Disponível em <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S2175-25912015000200008&lng=pt&nrm=iso>. Acesso em 17 jun. 2018.

GIL, A. C. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. Ed. Atlas S. A, 6º ed, São Paulo, 2008.

GUNTHER, H. Pesquisa qualitativa versus pesquisa quantitativa: Esta é a Questão? **Psicologia: teoria e pesquisa**. V. 22, n 2, p. 201-210, maio-agosto, 2006.

HILDEBRANDT, L. M.; ZART, F.; LEITE, M. T. A tentativa de suicídio na percepção de adolescentes: um estudo descritivo. **Revista Eletrônica de Enfermagem**, Goiânia, v. 13, n. 2, p. 219-26, jun. 2011. ISSN 1518-1944. Disponível em: <<https://www.revistas.ufg.br/fen/article/view/8951>>. Acesso em: 05 out. 2018.

MELO, A. K.; SIEBRA, A. J.; MOREIRA, V. Depressão em Adolescentes: Revisão da Literatura e o Lugar da Pesquisa Fenomenológica. **Psicologia Ciência e Profissão**, v. 37, n. 1, p. 18-34, 2017. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1414-98932017000100018&lng=en&nrm=iso&tlng=pt>. Acesso em 18 set. 2018.

MOREIRA, V. Revisitando as fases da abordagem centrada na pessoa. **Estudos de Psicologia (Campinas)**, v. 27, n. 4, 2010. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/estpsi/v27n4/11.pdf>>. Acesso em 18 set. 2018.

MOREIRA, L. C. O.; BASTOS, P. R. H. O. Prevalência e fatores associados à ideação suicida na adolescência: revisão de literatura. **Psicologia Escolar e Educacional**. 2015, 19. Disponível em <<http://www.redalyc.org/articulo.oa?id=282343250004>>. Acesso em 05 out. 2018.

NUNES, F.; MOTA, C. P. Vinculação aos pais, competências sociais e ideação suicida em adolescentes. **Arq. bras. psicol.**, Rio de Janeiro , v. 69, n. 3, p. 52-65, 2017. Disponível em: <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1809-52672017000300005&lng=pt&nrm=iso>. Acesso em 05 out. 2018.

ORGANIZAÇÃO MUNDIAL DA SAÚDE - OMS. **Prevenindo o suicídio: um imperativo global**. 2014. Disponível em: <http://www.who.int/mental_health/media/counsellors_portuguese.pdf>. Acesso em 05 out. 2018.

PINTO, A. M. C. **Percepção do conflito interparental, ideação suicida e identificação à família na adolescência**. Dissertação (Mestrado em Psicologia Aplicada) apresentada ao ISPA - Instituto Universitário. pp. 54. 2011. Disponível em: <<http://hdl.handle.net/10400.12/4055>>. Acesso em 18 Jun 2018.

PIZZANI, L. et al. **A arte da pesquisa bibliográfica na busca do conhecimento**. v. 10, n 1, 2012. Disponível em: <<https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/rdbci/article/view/1896>>. Acesso em 18 Jun 2018.

RAMOS, A. M. L. J. **Funções executivas e ideação suicida em adolescentes**. Dissertação (Mestrado em Psicologia Clínica) apresentada ao ISPA - Instituto Universitário. pp. 44. 2013. Disponível em: <<http://hdl.handle.net/10400.12/2553>>. Acesso em 18 Jun 2018.

RODRIGUES, M. M. A. Suicídio e sociedade: um estudo comparativo de Durkheim e Marx. **Revista Latinoamericana de Psicopatologia Fundamental**, v. 12, n. 4, 2009.

ROGERS, C. R. **Um jeito de ser**. EPU, 1980.

_____. **Sobre o poder pessoal**. 2. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1986.

ROGERS, C. R.; KINGET, M. **Psicoterapia e Relações Humanas**: teoria da terapia não-diretiva. Belo Horizonte: Interlivros, 1977.

SILVA, L. L. T.; MADEIRA, A. M. F. Tentativas de autoextermínio entre adolescentes e jovens: uma análise compreensiva. **Revista de enfermagem do centro oeste mineiro**. Minas Gerais, 2014, v. 4, n. 3. Disponível em: <<http://www.seer.ufsj.edu.br/index.php/recom/article/view/760>>.

SCHOEN-FERREIRA, T. H.; AZNAR-FARIAS, M.; SILVARES, E. F. M. A construção da identidade em adolescentes: um estudo exploratório. **Estud. psicol. (Natal)**, Natal , v. 8, n. 1, p. 107-115, Apr. 2003. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-294X2003000100012&lng=en&nrm=iso>. Acesso em 18 Jun 2018.

SOUZA, A. O.; MACHADO, C.; BRANCO, V. P. raízes quebradas: o comportamento suicida e a importância de transformar os vínculos afetivos na adolescência. **International Journal of Developmental and Educational Psychology**. 2008, 4 Disponível em: <<http://www.redalyc.org/articulo.oa?id=349832319029>>. Acesso em 18 Jun 2018.

SOUZA, L. D. M. et al. Ideação suicida na adolescência: prevalência e fatores associados. **Jornal Brasileiro Psiquiatria**, v. 59, n. 4, Rio de Janeiro, 2010. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0047-20852010000400004>. Acesso em 18 Jun 2018.